

JOSÉ BONIFÁCIO, O PATRIARCA. SUA VIDA E SUA OBRA (*).

Na humilde vila de Santos do século XVIII, circunscrita então ao atual centro comercial da cidade, tendo como limites extremos dum lado o final da rua dos Quartéis, além da primitiva igreja matriz, e do outro o vetusto convento franciscano do Valongo, na rua chamada Direita (hoje 15 de Novembro), numa casa situada da banda do campo, a qual nunca se conseguiu identificar com segurança, fronteira decerto àquela onde veio a residir durante muito tempo sua família, especialmente seu irmão mais môço, Martim Francisco, e em que teve ensejo de morar igualmente, casa esta demolida há menos de meio século e substituída pelo presente edifício do Banco Comércio e Indústria de São Paulo, — nasceu no dia de Santo Antônio (13 de junho) do ano de 1763, uma criança do sexo masculino, segundo rebento do casal Bonifácio José de Andrada, militar, servidor público e abastado comerciante do lugarejo, e D. Maria Bárbara da Silva, a qual foi levada à pia batismal com o nome de José Antônio, mais adiante transmutado, ao receber o santo sacramento do Crisma, para José Bonifácio.

Precocemente inteligente, fêz o jovem Andrada os estudos primários e o curso básico de humanidades aqui mesmo em Santos, transferindo-se adolescente para São Paulo, onde passou três anos preparando-se para ingressar em escola superior. Na capital bandeirante freqüentou aulas de Filosofia e Retórica, dedicando-se, outrossim, ao estudo de línguas vivas, para o que tinha especial aptidão (sua ilustração nesse terreno veio a ser mais tarde assombrosa: chegou a falar corretamente seis idiomas diferentes e a compreender perfeitamente onze). Dado o valor demonstrado perante seus mestres paulistanos, em particular diante de Dom Frei Manuel da Ressurreição, 3.º Bispo Diocesano de São Paulo e seu professor de francês, tentou êste induzí-lo a seguir a carreira eclesiástica, coisa para a qual não manifestava a menor inclinação.

(*) . — Palestra proferida a convite do Lions-Club de Santos. — Centro, em 6 de março de 1963.

Deixando São Paulo, rumo ao Rio de Janeiro, onde pouco permaneceu, viajou em seguida para Portugal, no ano de 1783. Matriculando-se na Universidade de Coimbra, fez o curso de Direito e o de Filosofia Natural, colando os graus de Bacharel em Ciências Jurídicas e em Filosofia Natural, no mês de julho de 1787, segundo consta dos registros da Universidade de Coimbra (1). Aluno distintíssimo, principal figura acadêmica do seu tempo, não tardou em ser aproveitado pelo governo português; ciente de seu valor inconteste. Mal egresso da famosa casa de ensino do Mondego, foi atraído para o círculo de relações sociais do Duque de Lafões, influente vulto da Côrte Portuguesa, o qual o fez admitir, sem perda de tempo, como membrô da Academia das Ciências de Lisboa, tornando-se seu grande protetor. Indicado por esta egrégia corporação, foi José Bonifácio comissionado oficialmente para uma viagem de aperfeiçoamento técnico em Paris, iniciando assim longa peregrinação científica pelos centros mais cultos da Europa, empresa que durou mais de dez anos, ou seja de 1790 a 1800.

Antes, porém, de efetuar semelhante romagem, escreveu José Bonifácio substanciosa monografia acêrca da pesca da baleia nas costas do Brasil, e extração de seu azeite, apontando os erros a corrigir nessa indústria e enumerando as vantagens econômicas dela decorrentes, trabalho êsse inserto nas **Memórias da Academia das Ciências de Lisboa** (2).

Sua vocação nata de mineralogista encontrou campo propício para desenvolver-se na capital da França. Ligando-se à escola de Lavoisier, o famoso sábio gaulês, aperfeiçoou durante um ano seus conhecimentos na seara da química, ouvindo lições de Chaptal e Fourcroy, bem como no domínio da botânica e da mineralogia, escutando os ensinamentos de Jussieu e Haüy, em cada uma destas duas últimas disciplinas, respectivamente. De Paris, onde elaborou magistral monografia sobre os diamantes do Brasil, apresentada à Sociedade de História Natural dessa capital, viajou para a Alemanha, fixando-se em Freyberg, na Saxônia, e matriculando-se em sua famosa Academia, na qual pontificava como mineralogista Abraham Gottlob Werner, “êmuldo do francês Haüy nos estudos montanísticos”. Em Freyberg travou relações, como condiscípulo, com Alexander von Humboldt, tornando-se grande amigo do

-
- (1). — Francisco Moraes, **Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil**, in “*Brasília*”, Suplemento ao Vol. IV, pág. 326, 1949.
(2). — Tomo II, págs. 388-412, ano de 1790.

futuro e formidável naturalista germânico. Terminados os estudos com Werner, partiu para a Áustria e para a Itália, e, dedicando-se a análises do solo em diferentes regiões, teve ensejo de investigar os depósitos minerais do Tirol, da Estíria e da Caríntia. Em Pávia, tomou lições com Volta, o famoso físico, descobridor, mais tarde, da pilha elétrica úmida acidulada, composta de cobre e zinco, que leva o seu nome. Em Pádua, pesquisou a constituição geológica dos Montes Eugêneos, redigindo a êsse propósito valioso trabalho, divulgado somente quase vinte anos mais tarde (1812), no qual rebateu com segurança a teoria vulcanista da formação dos mesmos. Rumou, pouco depois, para a Escandinávia, em cujo território veio a descobrir e determinar doze novos minerais (quatro espécies inteiramente novas — **Petalita**, **Espodumênio**, **Escapolita** e **Criolita** — e oito variedades desconhecidas de espécies já descritas — **Acanticônio**, **Salita**, **Cocolita**, **Ictioftalmíta**, **Indicolita**, **Afrizita**, **Alacroíta** e **Wernerita**). Atingiu aí o apogeu de sua fama como emérito mineralogista, sendo na ocasião convidado pelo Príncipe Real da Dinamarca para o cargo de intendente geral das minas da Noruega, o qual recusou delicadamente. Bélgica, Holanda, novamente Alemanha, Hungria, Boêmia, etc., foram outros tantos países visitados por José Bonifácio, na ânsia de adquirir conhecimentos mineralógicos. Finalmente, após mais de dois lustros de ausência, regressou a Portugal. Criaram então, na Universidade de Coimbra, especialmente para êle, a cátedra de Metalurgia e Geognosia, que ilustrou com as luzes do seu saber por período assás longo. Naquela oportunidade, foi-lhe conferido, pelo príncipe regente, Dom João, o título de Doutor em Filosofia Natural, sendo o capelo outorgado gratuitamente. Outrossim, nomearam-no intendente geral das minas do Reino. Dedicado inteiramente às ciências (3) e às letras, não descurou José Bonifácio dos seus deveres cívicos. Invadido Portugal, em 1807, pelas hostes napoleônicas, foi dos primeiros a alistar-se no Batalhão Acadêmico, formado em Coimbra, para combater os franceses. A princípio como major, depois como tenente-coronel, pegou em armas contra os invasores. Cessada a guerra, ocupou o posto de intendente de polícia da cidade do Pôrto, onde contribuiu

(3). — Logo após seu regresso a Portugal, em 1800, realizou, em companhia do seu irmão Martim Francisco, mineralogista como êle, formado em Coimbra, proveitosa excursão pela Extremadura e pela Beira, apresentando trabalho a respeito, muito tempo mais tarde, à Academia das Ciências de Lisboa (1812).

de maneira suasória para acalmar as animosidades surgidas entre facções opostas que se organizaram naquele período.

Ensarilhados os fuzis e baionetas, voltou o nosso sábio à sua faina habitual de estudioso de problemas práticos de mineralogia e agricultura, na segunda década do século XIX. Data desse período, ou seja, de 1812, sua eleição para secretário perpétuo da Academia das Ciências de Lisboa, pôsto que desempenhou até seu regresso ao Brasil, sete anos mais tarde, redigindo nesse espaço de tempo várias memórias históricas desse sodalício. E' também dessa quadra a elaboração de alentada monografia sôbre o plantio de novos bosques em Portugal. Estudou José Bonifácio com clareza e precisão absoluta êsse assunto. Treze capítulos e uma prefação, escritos com simplicidade e segurança, elucidam os meios de promover o reflorestamento de áreas despidas de vegetação protetora, trabalho êsse publicado na íntegra pela tipografia da Academia Real das Ciências, a expensas desta instituição e "com licença de Sua Alteza Real", no ano de 1815.

Cansado das atividades desenvolvidas em vários setores, além dos labores didáticos e científicos, a serviço da administração pública portugêsa, como certos cargos desempenhados paralelamente àquêles (nada menos ao todo de onze empregos de caráter permanente e seis comissões de mandato provisório, dos quais apenas três remunerados, a saber: professor de mineralogia na Universidade de Coimbra, intendente geral das minas do Reino e superintendente do serviço de obras do Rio Mondego), requereu José Bonifácio sua aposentadoria em todos êles, sendo por duas vêzes denegado tal pedido. Só mais tarde, procurando atraí-lo para o govêrno, concedeu-lhe Dom João VI afastamento de tôdas as funções públicas por tempo indeterminado, sem perda de vencimentos.

No fastígio de sua posição de cientista de prestígio internacional, foram-lhe outorgadas as maiores honrarias, ingresando como membro das mais reputadas entidades européias. Chamaram-no, assim, sucessivamente, ao seu seio, a Sociedade Filomática de Paris e a Sociedade de História Natural da mesma cidade (1791), a Sociedade dos Investigadores da Natureza de Berlim (1797), a Academia Real de Ciências de Estocolmo (1797), a Sociedade Mineralógica de Iena, a Academia Real de Ciências de Turim (1801), a Sociedade Werneriana de Edinburgo (1802), a Academia Real das Ciências de Copenhague (1801), a Sociedade Lineana de Londres, a de Ciências Físicas e História Natural de Gênova e a de Ciências Filosóficas

de Filadélfia. Finalmente, em 1819, entrou para o Instituto de França, como sócio correspondente da respectiva Academia de Ciências.

Elevado ao trono português, em 1816, tratou Dom João VI, residindo então no Rio de Janeiro desde 1808, de fortalecer os laços que uniam Portugal e Brasil, cada vez mais ameaçados do se desfazarem. No ano de 1818, aceita a sugestão do seu primeiro-ministro, Tomás Antônio de Vila-Nova Portugal, de chamar para o governo um brasileiro, que, experimentado a princípio como ajudante do primeiro-ministro, pudesse vir a ocupar depois uma pasta, para a qual demonstrasse melhor aptidão. O nome lembrado na oportunidade para êsse importante cargo foi o de José Bonifácio. Expede ordens o rei, à Regência, para que êsse cientista se transporte ao Rio de Janeiro. Recusa-se, de início, o governo metropolitano europeu a obedecer, temeroso de que o valoroso Andrada viesse convulsionar o Brasil, dadas as tendências separatistas que timbrava em proclamar. Insiste o rei e José Bonifácio embarca de volta ao torrão natal, aqui chegando em fins de 1819, ignorando por completo a função que o aguardava. Convidado para ela por Vila-Nova Portugal, seu particular amigo, recusa terminantemente e prossegue viagem para Santos, indo repousar enfim no seio da família.

Matadas as saudades, resolve José Bonifácio voltar à atividade de pesquisador e empreende, em companhia de seu irmão Martim Francisco, longa excursão pelo interior de São Paulo. Parte de Santos, a 23 de março de 1820, com destino ao planalto via Cubatão, escala a Serra de Paranapiacaba, atravessa as paragens da chamada Borda do Campo (São Bernardo, Santana, Pinheiros) e vai ter ao Jaraguá, fazendo durante todo o percurso importantes observações mineralógicas. Detém-se no pico famoso estudando os antiqüíssimos veeiros de ouro, descobertos e explorados por Afonso Sardinha e seu filho, no século XVI. Segue adiante, passa pr Pirapora, Piracicaba, Itú e Sorocaba. Neste último local, desvia a atenção do objeto de suas investigações científicas para contemplar e exaltar a beleza física das mulheres sorocabanas, numa demonstração de seu grande aprêço pelo belo sexo. Depois de visitar a Fábrica de Ferro do Ipanema, regressa a São Paulo, via São Roque e Cotia. Pouco mais de um mês durou essa peregrinação, cuja narrativa tomou letra de fôrma muito mais tarde, graças à colaboração de Vasconcelos de Drumond, que lhe deu redação definitiva, mercê dos apontamentos coligidos pelos dois

Andradas, impossibilitados de fazê-lo, em virtude dos pesados encargos políticos que os assoberbaram dentro em pouco. **Via-gem mineralógica na Província de São Paulo** foi o título que prevaleceu para êsse trabalho, traduzido para o francês e divulgado, em primeira mão, nesse idioma, no “Journal des Voyages” de Paris (1827).

Ponto final em sua brilhante e longa carreira de cientista assinalou a excursão retro-referida. Daí por diante, atraído pelo canto de sereia da política, mudou de rumo a 90°, dedicando-se de corpo e alma à campanha da emancipação do Brasil.

*

A idéia separatista vinha de longa data criando corpo na mente dos brasileiros natos, cansados das espoliações praticadas pela metrópole portuguesa. Desde a abortada conspiração de Vila-Rica em 1789, com passagem pela malograda “revolta dos alfaiates” da Bahia, de 1798, até a encarniçada e mal sucedida luta desenvolvida em Pernambuco, em 1817, tomara vulto o fermento da secessão. Não era mais possível continuarem unidos Portugal e Brasil da forma pela qual se achava em vigor essa união. Compreendendo perfeitamente o problema político que se lhe antepunha aos olhos, não trepidou José Bonifácio de dar seu decidido apôio à causa da emancipação brasileira, entrando com espírito superior na campanha, sem visar mesquinhos interesses, mas animado do pensamento de construir uma nação livre e soberana, dentro da modalidade de governo que melhor se coadunasse com as circunstâncias do momento. Sucessivamente aceitou postos de comando, nos quais acabou por alcançar a direção suprema, orientando e arregimentando as correntes diversas que batalhavam em tórno do mesmo ideal, no bom sentido da vitória, com a menor soma possível de sacrifícios pessoais. A partir de 23 de junho de 1821, quando, por aclamação popular, é eleito vice-presidente da junta governativa de São Paulo, inicia a grande jornada em prol da causa brasileira, procurando aproximação eficiente com o Príncipe Regente, no Rio de Janeiro, induzindo-o a abraçá-la francamente. Sete meses mais tarde, vem a integrar o primeiro gabinete ministerial, formado logo após o histórico Fico de 9 de janeiro de 1822, desobediência inicial aberta do herdeiro da Corôa Portuguesa às determinações de Lisboa, para a qual concorrera decisivamente com o famoso manifesto de 24 de dezembro de 1821, subscrito na capital paulista. No

Conselho de Ministros empossado a 16 de janeiro daquele outro milésimo, é chamado a ocupar a pasta política por excelência, isto é, a de Ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros. Daí por diante acentua-se a influência de José Bonifácio nas decisões de Dom Pedro, fazendo-o tomar atitudes cada vez mais hostis às Côrtes de Portugal, para culminar com o brado de independência lançado às margens do Ipiranga a 7 de setembro imediato. Instrumento de relêvo de que se serviu para conseguir os fins em aprêço foram as sociedades secretas da época, representadas pela maçonaria, dentro da qual atingiu os mais elevados graus, tornando-se grão-mestre geral da federação maçônica brasileira, fundada em 17 de junho de 1822. São por demais sabidos os passos dados pelo grande santista para formação da nova nação americana, inclusive a organização da defesa, confiando os postos de comando militar a experimentados chefes, como o general Pedro Labatut e o almirante Lord Cochrane, comandantes supremos das forças de terra e mar respectivamente, por fim vitoriosas nas refregas da Bahia, ainda jungida à metrópole por poderosos contingentes reinóis do general Madeira, expulso finalmente do solo baiano a 2 de julho de 1823. Ministro do Império do Brasil independente nascido a 12 de outubro de 1822, mantém-se José Bonifácio no poder por pouco tempo. Seu espírito ativo, inconciliável com ações menos dignas, leva-o a divergir profundamente do Imperador Pedro I, tornando-se por último acérrimos adversários no seio da Assembléia Constituinte, convocada para traçar a carta magna do Brasil. A 15 de julho de 1823, deixa definitivamente o govêrno, demitindo-se do cargo de primeiro-ministro. Dentro da Assembléia move tenaz opposição ao soberano. E a 12 de novembro seguinte, dissolvida violentamente aquela câmara de representantes do povo, por decreto imperial, é prêso José Bonifácio e atirado numa infecta enxovia. Trite destino de um homem que, meses antes, todo-poderoso, fôra o artífice máximo da Pátria Brasileira. Desterado, embarca para a Europa num frágil navio, chegando à Espanha e de lá se transportando para a França (Bordéus), onde vive seis anos de forçado exílio. Duas vêzes eleito nesse período pelos baianos como seu representante na Câmara de Deputados do Rio de Janeiro, não consegue tomar posse. Teimosos, elegem-no os habitantes da Bahia pela terceira vez, e só então, já de volta ao Brasil, pôde assumir o cargo de confiança para o qual aquêles meus conterrâneos sufragaram o seu nome.

No destêro, voltou-se José Bonifácio para as musas, procurando esquecer a enganadora política. Em 1825, lança um volume de versos, sob o pseudônimo de Américo Elísio. Marca essa edição, na opinião de Afrânio Peixoto, o limite entre duas éras literárias do Autor, sendo o primeiro livro que, no Brasil, subscreveu o Romantismo nascido da Revolução Francesa. No ano de 1942, a Academia Brasileira de Letras, sob as vistas daquele titular, arranca do prelo nova edição facsimilar do precioso volume, acrescentada com outras poesias, inclusive a famosa "Ode aos Baianos", na qual traçou José Bonifácio, com pinceladas de mestre, o triste quadro a que o aulicismo reduzira o Brasil de então, prevendo entretanto o futuro radioso que lhe estava reservado, ao tempo em que manifesta aos baianos sua infinita gratidão pelo gesto corajoso de se oporem à vontade dos poderosos da ocasião.

Regressando do exílio em 1829, mantém-se José Bonifácio alheio às lutas políticas que culminaram com a abdicação de Pedro I, a 7 de abril de 1831. Êste, porém, arrependido do êrro que cometera oito anos antes, afastando de si o Patriarca, nomeia-o tutor dos seus filhos menores, inclusive do imperador-menino, Pedro II. Semelhante tutela exerce-a José Bonifácio até o ano de 1833, quando lhe é arrebatada arbitrariamente pela Regência que governava o Brasil, sendo o Marquês de Sapucaí o instrumento dessa ação. Novamente prêso e mantido em exílio na Ilha de Paquetá, aguarda José Bonifácio serenamente o pronunciamento da Justiça, que o absolve por fim.

Mudando-se de Paquetá para Niterói, aí vem a falecer a 6 de abril de 1838, corroído de dôres físicas e morais, sem nunca mais haver revisto o torrão natal que tanto estremecera e onde os seus despojos vieram a ter o descanso eterno e merecido dos justos, depois de cumprida integralmente sua grande e nobre missão na face da terra, consubstanciada no lapidar conceito de Latino Coelho:

"Com a ciência, satisfêz o que a razão cosmopolita devia à natureza. Com a ação, pagou o que à pátria devia o cidadão".

Santos, fevereiro de 1963.

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO

Presidente do Grupo Executivo de Trabalho das Homenagens a José Bonifácio, em Santos.